

«SEARA NOVA» N.º 1475

A sair em Setembro de 1968

Provas enviadas à Censura em

14 de... de... de 68



SEARA NOVA — Máquina 2

A PÍLULA, A ENCÍCLICA  
E OS OPORTUNISMOS  
MALTHUSIANICOS

Depoimento de Sérgio Ribeiro

**A** encíclica. A pílula. No começo deste mês tem sido «facto» (melhor: «événement»). Nós, os privilegiados que pensamos o homem, temos conversado muito. A «*Humanae Vitae*» é-nos familiar. Mesmo que não a tenhamos lido. Mesmo que não sejamos católicos. (*Também procurei essa conversa com o meu barbeiro. Sabia lá disso de encíclicas. Ignorância e indiferença. Não me pareceu que a pílula lhe fosse estranha...*)

Em jornais, sobretudo franceses, temos encontrado muita citação e muita argumentação. Que vamos seleccionando para escora (ou rectificação) da nossa opinião. Opinião que poderia ser a de considerar a questão irrelevante para nós. Mas são tantos os milhões para quem não é irrelevante que não o pode ser para nós.

E há um argumento. Há um argumento que temos visto, ouvido e, sobretudo, pressentido, que nos faz «saltar». Até já etiquetámos: reacção reaccionária. É o argumento, a reacção malthusiana. Temos visto, ouvido e, sobretudo, pressentido o ataque à encíclica porque «quando tantas crianças morrem», «enquanto Biafra», «se a fome é nossa vizinha»...

Mas as crianças, Biafra, a fome, existem porque não se controlam os nascimentos, porque não se utilizam métodos científicos anticoncepcionais? Ou deixariam de existir se não houvesse sanções morais para a utilização da pílula?

Das observações não fujo a

TRIBUTOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

A sair em Setembro 1968

Provas enviadas à Censura em

14 de 8 de 68

fazer. A primeira é a de que a fome no Mundo é um mal social e não fatalidade biológica (atenuável pela pílula). Não resulta de outra carência que não a do homem de aproveitar as suas potencialidades de *ser* capaz de pôr a natureza ao serviço da satisfação das suas necessidades, e *ser* que o concretiza socialmente.

A outra observação é mais ou menos quantificada.

Países com natalidade acima de 50/1000 habitantes: Alto-Volta, Burma, Burundi, Camarões, Costa do Marfim, Equador, Ghana, Haiti, Honduras, Kénia, Mali, Mauritània, Nicarágua, Niger, Nigéria, Ruanda, Sudão, Togo (mais elevada taxa: 52-58), Zâmbia.

Países com natalidade abaixo de 20/1000 habitantes: Austrália, Canadá, Estados Unidos, toda a Europa menos Albânia, Espanha, Irlanda, Islândia, Portugal e Jugoslávia (a Hungria tem o valor mais baixo: 13,6), e União Soviética.

Seria deveras elucidativo correlacionar esta taxa com os valores do Rendimento nacional por cabeça ou com as taxas do analfabetismo.

Esta última correlação, de taxas de analfabetismo com taxas de natalidade, levar-nos-ia a concluir que, onde é maior a natalidade, não vai chegar a encíclica... É prematura porque não é redundante. Nos outros países, talvez tenha chegado tarde.

Mas o que queríamos acrescentar, ainda, é que a reacção nossa à «reacção reaccionária» deve servir para se colocar a questão num plano de concepção de homem. E relativamente a essa concepção parecem-nos pertinentes observações como as que lembram o «processo Galileu» e o relevo para bem significativas definições sobre o papel da mulher e do «respeito» a ter por ela.



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO